

# As múltiplas funções do património museal da saúde

*The multiple functions of health museum heritage*

---

**Ana Delicado**

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

## Resumo

Este artigo tem por base a comunicação de abertura do “I Encontro dos Museus e Instituições de Ciência e Ciências da Saúde da área metropolitana de Lisboa: Património, ciência e saúde. Intervir, conhecer, preservar e valorizar”, realizado em novembro de 2017. Apresenta e discute as múltiplas funções do património museal da saúde, em particular nas suas dimensões de conservação e preservação, comunicação de ciência, educação, ensino universitário, turismo científico, interação com doentes e cuidadores e investigação. O artigo termina com uma reflexão breve sobre as oportunidades de promoção deste património.

### Palavras Chave:

Ciência, exposições, medicina.

## Abstract

This article is based on the opening lecture of the 1st meeting of science and health museums and institutes of Lisbon metropolitan area - heritage, science and health: intervening, knowing, preserving and valuing, held in November 2017. The article presents and discusses the multiple roles played by health heritage, in particular concerning conservation and preservation, science communication, education, higher education, scientific tourism, interaction with patients and their careers, and research. The article ends with a brief reflection on the opportunities of fostering this type of heritage.

### Key Words:

Science, exhibitions, medicine.

DOI: <https://doi.org/10.25761/anaisihmt.288>

## Introdução

O património museal da saúde recobre uma grande diversidade de elementos, talvez maior que em qualquer outra área científica: edifícios (hospitais, centros de saúde, sanatórios, lactários, centros de investigação), museus (de instituições de saúde, de estabelecimentos de ensino universitário, casas-museu de médicos), instrumentos e equipamentos (utilizados tanto na investigação como na prática das várias especialidades médicas e cirúrgicas), modelos (de partes anatómicas saudáveis ou afetadas por patologias, como as coleções de ceras dermatológicas [1]), objetos pessoais de médicos e outros profissionais de saúde, imagiologia médica (dos primeiros raios X aos mais avançados registos de tomografia de emissões de positrões), espécimes biológicos (de amostras de tumores até esqueletos humanos completos, passando por órgãos preservados em formol), livros e documentos.

Este tipo de património situa-se na interseção entre ciência e saúde, entre investigação e prática médica, recobrando múltiplas áreas científicas e especialidades: da medicina à farmácia, da enfermagem à saúde pública, da biologia à histologia. Para além do interesse científico, este património pode ter um elevado valor estético e artístico. Veja-se, a título de exemplo, a combinação entre ciência e arte na exposição de prefiguração de um nunca concretizado museu de medicina da Universidade de Lisboa, exibida no Museu Nacional de Arte Antiga em 2005. [2]

O património da saúde tem também um elevado potencial para despertar o interesse do público, dada a sua acentuada proximidade à vida quotidiana, mas também às grandes questões da vida e morte. [3]

## As funções do património da saúde

Uma das funções mais importantes do património da saúde é a da conservação e preservação do mesmo. As instituições que detêm este tipo de acervo têm como uma das suas principais missões a sua salvaguarda e estudo, preservando os testemunhos para as próximas gerações. É de especial relevo a proteção face a outros interesses. No caso da cidade de Lisboa, a especulação imobiliária é uma ameaça constante a espaços desativados, como o Hospital do Desterro ou o Hospital Miguel Bombarda, ou em vias de desativação, como o Hospital de São José. Importantes edificações, como as

instalações históricas do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana no Campo Mártires da Pátria [4] foram reduzidas à sua expressão mínima (com a destruição, entre outros, do pavilhão envidraçado de isolamento e das cavalariças), para a construção da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa.

Uma outra função essencial deste património é a comunicação de ciência. Tem um valor inestimável para a divulgação da história da ciência e da medicina, mas também da ciência que se faz na atualidade, patente na preocupação de alguns museus, como o Museu de História da Medicina Maximiano Lemos, no Porto, de manter a recolha de instrumentos e equipamentos utilizados atualmente. [5] Por outro lado, presta-se também a contribuir para o debate público de temas candentes contemporâneos, como as controvérsias em torno dos movimentos antivacinação ou em prol de terapêuticas alternativas. [6] Este património tem um potencial, ainda pouco explorado, para promover o envolvimento do público, por exemplo em atividades de ciência cidadã (na catalogação ou transcrição de registos).

O património museal da saúde desempenha também funções importantes na educação não formal, em particular de crianças e jovens. Tal está patente na organização de visitas escolares, no desenvolvimento de programas educativos e na criação de materiais pedagógicos (é disto exemplo a intensa atividade do Museu da Farmácia neste domínio [7]). Funciona assim como complemento à educação formal, mas também como estímulo de vocações, potencialmente encaminhando os jovens para formação superior nas áreas da saúde. Este património é também bastante utilizado no ensino universitário, dando um contributo para a formação de futuros médicos, enfermeiros, farmacêuticos, técnicos de saúde. Ainda que modelos e espécimes tenham frequentemente perdido relevância para outros formatos didáticos (audiovisual, digital [8]), os museus e as suas coleções têm um papel relevante para o conhecimento da história da disciplina e para a construção de uma identidade profissional.

O património museal da saúde pode também ser proficuamente mobilizado para promover o turismo científico. Capitalizando o crescimento do turismo na cidade de Lisboa, é importante a inclusão dos museus de saúde nos roteiros (como por exemplo os roteiros “Em Lisboa, à descoberta da ciência e tecnologia” ou os circuitos Ciência Viva, ambos promovidos pela agência Ciência Viva) e a realização de atividades em rede, bem como melhorar as condições de acolhimen-

to de visitantes estrangeiros, através, por exemplo, das traduções de painéis, legendas e folhetos.

Uma outra área promissora para o património da saúde é a interação de profissionais com doentes e cuidadores. Os museus são importantes ferramentas de comunicação sobre doenças, diagnósticos, tratamentos e cuidados de saúde, mas também podem ser postos ao serviço do envolvimento dos afetados na tomada de decisão terapêutica e até no desenvolvimento de inovações por pacientes e cuidadores. Um caso ilustrativo é a plataforma “Patient Innovation” [9], um dos exemplos patentes na exposição “Beyond the lab” do projeto europeu Sparks.

Por fim, é de realçar o papel que este património desempenha no desenvolvimento de investigação científica, nas áreas da história da ciência e medicina, museologia, comunicação de ciência e até biomedicina. Veja-se, por exemplo, o trabalho de José Esparza e a sua equipa [10], que com base em amostras de vacinas da varíola com mais de cem anos, armazenadas em museus e coleções particulares (incluindo portu-  
 ges), e recorrendo a técnicas atuais de sequenciação genética, conseguiu identificar os vírus utilizados na produção das vacinas.

ses), e recorrendo a técnicas atuais de sequenciação genética, conseguiu identificar os vírus utilizados na produção das vacinas.

## Conclusão

As funções do património museal da saúde são múltiplas e atestam indubitavelmente a importância de o preservar e promover. Para tal, há três oportunidades que se configuram como primordiais: em primeiro lugar, é crucial aproveitar as dinâmicas associadas à cultura científica em Portugal, fazendo uso dos instrumentos de financiamento e divulgação disponíveis; Em segundo lugar, é fundamental criar sinergias entre museus, universidades, centros de investigação, hospitais e outras instituições de saúde, partilhando recursos e atuando em rede; Em terceiro lugar, é essencial fazer uso pleno das plataformas e tecnologias digitais, com claros benefícios na redução de custos e no alargamento de públicos.

## Bibliografia

1. Bastos C. Da anatomia à dermatologia: o corpo moldado em cera. In: Bastos C (org), *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais; 2001, p. 115-122
2. Alves, M. V. *Passagens: 100 peças para o Museu de Medicina*, Lisboa: MM-FML/MNAA; 2005
3. Arnold, K. Time heals: Making history in medical museums. In: Kavanagh G (ed.), *Making histories in museums*. Leicester: Leicester University Press; 1996, p. 15-29.
4. Dias J. P. S., O Instituto Bacteriológico: espaço, instrumentos e memória da medicina laboratorial. In: Lourenço MC e Neto MJ. *Património da Universidade de Lisboa. Ciência e Arte*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Tinta da China; 2011, p. 137-154
5. Delicado A *The Past and Present of Medical Museums in Portugal*. *Museum History Journal*, 2014, 7(1): 18-35.
6. Killikelly A. Using the Tools of Informal Science Education to Connect Science and the Public. *Journal of Microbiology & Biology Education*, 2018, 19(1): 1-5
7. Delicado A. O papel educativo dos museus: públicos, atividades e parcerias. *Ensino em Re-Vista*, 2013, 20, 43-56.
8. Horder, J. (2002). Medical Milestones, Frontiers and Challenges in the Centenary of Federation: How have medical museums contributed to the enlightenment and understanding of medical advances in the 20th century?. In *Museums Australia Conference Papers*: 1-2.
9. Oliveira P, Zejnilovic H, & Canhao H. Challenges and Opportunities in Developing and Sharing Solutions by Patients and Caregivers: The Story of a Knowledge Commons for the Patient Innovation Project. In: *Governing Medical Knowledge Commons*, edited by Strandburg KJ, Frischmann BM, Madison MJ. Cambridge: Cambridge University Press; 2017, p. 301-325
10. Esparza J, Nitsche A, Damaso CR *Beyond the myths: Novel findings for old paradigms in the history of the smallpox vaccine*. *PLoS Pathog*, 2018, 14(7): e1007082. <https://doi.org/10.1371/journal.ppat.1007082>